

As águas, o ambiente e os povos de religião de matrizes africanas

Marcia Cabral da Costa, Rosângela Omimrenã, Iyalorixá Marlise Vinagre, Mãe Manu da Oxum, IyaOlorixa Roberta de Yemonja, Iyá Marli, Pai Caio e Rodrigo Carneiro Rosa/Iwin L'Orun Egbé Tayól

“O Sal que não vai nos salgar”.

[...] Para ela a senhora da vida, iremos falar, são palavras escritas, nem sempre entendidas e só aprendidas por quem quer voar... Suas cores diversas e suas formas incertas a nos embriagar com a transparência e o perfume do mar... para as águas corremos, pelas águas nos vemos e com as águas crescemos até separar, o fora de dentro o dentro de fora, assim como o próprio ar... O seu colo é perfeito e só acolhe com jeito a quem lhe respeitar [...].

Poesia de Rosângela Omimrenã, escritora e Ialorixá dirigente do Ilê Axé Oxum Omim Igbó.

À convite da Superintendência de Saberes Tradicionais (SuperSaberes), nova Superintendência do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, sete sacerdotes de Casas de Candomblé e de Umbanda do Estado do Rio de Janeiro compuseram a mesa *As águas, o ambiente e os povos de religião de matrizes africanas*, intitulada pelo próprio grupo. O debate — presente na programação científica e cultural da Exposição Baía da Guanabara na Casa da Ciência (UFRJ) — teve como ponto central o papel dos povos de terreiro e o cuidado com o meio ambiente. Os fragmentos das narrativas de mães e pais de santo, como costumam ser chamadas/os essas lideranças religiosas, são convites à percepção sobre os valores afro-civilizatórios que constituem os modos de ser e estar no mundo das populações pertencentes às tradições de matrizes africanas. Tradições que estabelecem relações harmoniosas e respeitadas com os elementos naturais, porque, para os povos de terreiro, as águas, por exemplo, são divindades, e por isso seus posicionamentos em relação a esse elemento sagrado são de total reverência e preservação. A mesa trouxe também a materialidade das estratégias criadas para uma educação ambiental pautada nos saberes tradicionais. As discussões sobre racismo estrutural, religioso e ambiental dialogaram de modo diferencial com o tema da Exposição.

Este manuscrito, a 16 mãos, é então parte dos feitos que lideranças espirituais de matrizes africanas têm realizado junto à SuperSaberes. Um trabalho que, junto aos demais grupos pertencentes às comunidades tradicionais e de culturas populares brasileiras, vem construindo na SuperSaberes orientações para políticas de inclusão de mestras e mestres, e seus saberes tradicionais, na UFRJ — não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos e coletivos com agências próprias. Seguindo a metodologia dos terreiros, ou seja, a de fazer atividades em formatos de roda, ou de giras, como se falam em muitas Casas, as narrativas aqui memoráveis convidam o leitor a refletir sobre cada fragmento, seguindo uma *circularidade*, como afirma o mestre quilombola Nêgo Bispo, de início-meio-início. Assim, o convite é de que essas narrativas possam ecoar no leitor a urgência do cuidado com o planeta; a importância dos povos das tradições de matrizes africanas (potmas) para a preservação do meio ambiente; e a importância de se romper com o racismo religioso — racismo perpetuado por povos de bases ideológicas/religiosas que alimentam práticas de extermínio de vidas e culturas ligadas às matrizes africanas.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Matriz africana; Meio ambiente; Religião de matriz africana; Racismo.

Odoya mãe Iemanjá
Mãe sereia a me guiar
No balanço, ondas do mar
Faz sereno navegar
Somos filhos em evolução
Sua morada é a nossa proteção
Nos ensine a preservar
Pois quem ama cuidará
“Sobre ofertas no mar vou lhe explicar”
Farei da areia meu altar
Como humilde filha preservar
Minha tradição é com Iemanjá
Ofereço nessa areia meu barquinho, fruta e amor
E jogo em suas águas gratidão, pois me guardou
Farei da areia meu altar.

Composição e canto de abertura da Mesa - Mãe Manu da Oxu



Imagem 1 - Escultura da Orixá Yemonja confeccionada de materiais recicláveis (Terreiro Sustentável).

A água como fonte da vida e da existência da pessoa,
segundo os Povos do Tronco Linguístico Yorùbá.

*“Debaixo d’água protegido
Salvo, fora de perigo, aliviado, sem perdão e sem pecado.
Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar.(...)”*

*Debaixo d’água tudo era mais bonito.
Mais azul, mais colorido, só faltava respirar.
Tinha que respirar, todo dia.”
Canção de Arnaldo Antunes*

A água é tudo, pois convida-nos à contemplação e às memórias afetivas; dela provém os mitos e divindades. Ela é a fonte de bem-estar gratuito, que está presente em tudo que cresce e que é natural. Insubmissa, incontrolável, geradora e mantenedora da vida. É também causadora de morte por sua falta e assim torna-se disputada e amada. Aquela de onde surge a Vida.

*(Ìyá Marli Ògún Méjìre, Ekéji Ethel Ramos de Oliveira Ode Kewála
- Centro Cultural Rouxinol)*

O sistema capitalista vigente no Brasil caracteriza-se como um modelo de exploração e de opressões - decorrentes do patriarcado e do racismo estrutural sistêmico, institucional e religioso -, extremamente colonizador, eurocêntrico, violento, predador e destrutivo da natureza, com prevalência de interferência de ações de desmatamento e poluição ambiental em nascentes, rios, mares, solo e animais, seja pela ação descontrolada das indústrias, do agronegócio ou da mineração. Este quadro compromete gravemente as condições de vida e saúde da população, impactando especialmente determinados grupos. Dentre estes, se encontram as populações periféricas (na maioria constituída por negros e adeptos de comunidades tradicionais de religiões de matrizes africanas), os povos originários, povos quilombolas, e outros em condições de maior vulnerabilidade econômica, como as mulheres e a população lgbtqiap+ e não binários. Estes grupos ficam expostos a condições indignas de vida e saúde física, mental/espiritual, à exclusão do trabalho e do acesso a serviços e a bens socialmente produzidos, à insegurança alimentar, desnutrição ou fome. As mudanças climáticas se tornaram uma das maiores preocupações globais da atualidade, e as ações antrópicas, como o desmatamento de áreas protegidas, contribuem significativamente para esse problema. O desmatamento aumenta a liberação de gases de efeito estufa na atmosfera, contribuindo para o aquecimento global. Além disso, o uso indevido do espaço público e a extração irregular de areia dos leitos dos rios também afetam diretamente a qualidade da água e a vida aquática, impactando todo o ecossistema local. Especificamente em relação aos povos tradicionais de religiões de matrizes africanas, os efeitos da degradação ambiental e das alterações climáticas atingem diretamente o legado dos saberes/fazeres litúrgicos, uma vez que se tratam de práticas sócio-religiosas voltadas à Natureza (nossa Casa), onde a água, a fauna, as árvores e as folhas ocupam posição de centralidade nesse patrimônio. Segundo a cosmo-percepção dos chamados “povos tradicionais de terreiro” a natureza é sagrada!”.

(Iyalorixá Marlise Vinagre. Dirigente da Comunidade Tradicional de Terreiro Ile Axé Egbé Iyalode Oxum Kare Ade Omi Aro (Prados Verdes, Nova Iguaçu/RJ) e professora associada aposentada da UFRJ, doutora em Ciências Sociais).

O elemento água é elo que une toda a diversidade dos povos e comunidades tradicionais de matrizes africanas. A partir dela ocorre toda a manutenção necessária das tradições. A preservação e conservação das fontes de água, rios, mares estão presentes nos saberes e fazeres ancestrais dos potmas. Compartilhando dos mesmos objetivos que a Or-

ganização das Nações Unidas (ONU), o Instituto Terreiro Sustentável, juntamente com 270 representantes potmas de todos o território brasileiro, organiza uma Agenda 2030 dos povos de terreiros traduzindo para uma linguagem tradicional as metas a serem alcançadas. As divindades Oxum e Yemoja representam em todos os seus princípios os ODS 06 (Água potavel e Saneamento) e o ODS 14 (Proteger a vida marinha), respectivamente. O reconhecimento dessa similaridade contribui para resgate dos saberes ancestrais, assim como o combate ao racismo religioso e ambiental.



Imagens 2 e 3 - ODS dos Povos de Terreiro
(site do Instituto Terreiro Sustentável <https://ikt.bio/terreirosustentavel>)

(Rodrigo Carneiro Rosa / Iwín L'Orun Egbé Tayó - Babalorisá do Terreiro de Obatalá - Ile Omi Orun. Presidente do Instituto Terreiro Sustentável)

O meio ambiente precisa ser respeitado e preservado. Minha fala se atenta à zona oeste do Rio de Janeiro, onde a contaminação da Baía de Sepetiba causou desgastes e perdas significativas para a população pesqueira local. Hoje em dia, é raro encontrar marisqueiras, infelizmente, devido à grande contaminação na Baía. O desrespeito à natureza gera impactos violentos em toda a sociedade. Como sacerdotisa de umbanda, sempre ensinei os médiuns do Templo de Umbanda Tsara Paixão Cigana a não fazerem descartes de alguidar, garrafas, taças e louças na natureza. Sempre mencionei que esses lugares são casas sagradas de nossos orixás. Há dois anos, quando encontrei o projeto do Terreiro Sustentável, fiquei muito feliz, especialmente porque veio de outra religião de matriz africana. Meu coração se encheu de esperança e cada vez mais acreditei que a espiritualidade trabalha em harmonia com a natureza. Como mencionei em minha própria canção, criada para o Presente à Iemanjá de Sepetiba, é muito importante que essa conscientização seja levada ao nosso povo, mesmo que de forma suave, harmoniosa e respeitosa. Precisamos entender que cada religioso tem seu próprio tempo para compreender que não é necessário colocar uma oferenda na cachoeira, na estrada, na encruzilhada ou dentro do mar para que a entidade receba aquele agrado.

(Mãe Manu da Oxum)

Não existe debate sério sobre crise climática sem falar dos mais afetados por ela, e de seus motivos. Historicamente, os protagonistas na preservação do meio ambiente são os povos originários e os povos tradicionais. Se quisermos dar consequência às me-

didadas de proteção à vida na Terra, com o combate ao desmatamento e à poluição das águas, precisamos então colocar os povos originários e os povos tradicionais no orçamento da União.

(Pai Caio - Tenda de Umbanda Falangeiros de Luanda)

É necessário refletir que «se hoje nós estamos de pé, é porque houve uma ancestralidade que esteve de joelho por nós. E nós somos responsáveis por fazer esse legado acontecer e dar conta desse legado. E o que nós queremos deixar para os nossos filhos, que virão para o futuro, é agir no presente para que o futuro seja promissor dentro do nosso sagrado, louvando e honrando os nossos ancestrais, mas não nos abdicando da responsabilidade de cuidar desse meio ambiente, de cuidar dessas águas, e de pensar que, sem essas águas saudáveis limpas e límpidas, nós não chegaremos a lugar nenhum. Porque eu não posso querer agradar Iemanjá ou Minha Mãe Oxum ou outras divindades ligadas à água sem cuidar do seu principal elemento, Omi”.

A água sempre acha caminho. Que as Águas da Baía de Guanabara, da Baía de Sepetiba e tantas outras achem caminho para futuro!

(Roberta de Yemonja - yaOlorixa do Ile Alaketu Ase Awon Omi Yemonja/ Casa das Águas de Yemonja e Caboclo Cobra Coral. Fundadora e presidente do Espaço Sociocultural Águas do Amanhã. Colaboração de Ekedji Magda de Ossãe)



Imagens 4 e 5– Superintendente de Saberes Tradicionais do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, lideranças das Casas de Candomblé e de Umbanda e objetos sobre a mesa relacionando o cuidado das religiões de matriz africana com a preservação do meio ambiente.

<i>Marcia Cabral da Costa</i>	Superintendente de Saberes Tradicionais do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e docente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ (superintendencia.saberestradicionais@forum.ufrj.br).
<i>Rosângela Omimrenã</i>	Escritora e Ialorixá dirigente do Ilê Axé Oxum Omim Igbó. (rosangela@kirsch.com.br)
<i>Iyalorixá Marlise Vinagre</i>	Dirigente da Comunidade Tradicional de Terreiro Ile Axé Egbé Iyalode Oxum Kare Ade Omi Aro (Prados Verdes, Nova Iguaçu/RJ) e professora associada aposentada da UFRJ, doutora em Ciências Sociais (@omilewao8) (ya.marlise@gmail.com).
<i>Mãe Manu da Oxum</i>	Sacerdotisa de Umbanda do Templo de Umbanda Tsara Paixão Cigana (manucarvalho28@gmail.com)
<i>IyaOlorixa Roberta de Yemonja</i>	yaOlorixa do Ile Alaketu Ase Awon Omi Yemonja/ Casa das Águas de Yemonja e Caboclo Cobra Coral. Fundadora e presidente do Espaço Sociocultural Águas do Amanhã (aguasdoamanhaprojecto@gmail.com).
<i>Iyá Marli</i>	Centro Cultural Rouxinol desejo que incluam também Ekéji Ethel Ramos de Oliveira e Ode Kewála (azevedo.marli@yahoo.com.br).
<i>Pai Caio</i>	Tenda de Umbanda Falangeiros de Luanda (caiobayma@gmail.com)
<i>Rodrigo Carneiro Rosa/ Iwín L'Orun Egbé Táyó</i>	Babalorisá do Terreiro de Obatalá - Ile Omi Orun. Presidente do Instituto Terreiro Sustentável (terreirosustentavel@gmail.com)